

CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NAS ESCOLAS: UMA ABORDAGEM PARA PROMOVER A ECONOMIA CRIATIVA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

LUCAS SILVA DA COSTA

Mestrando do curso de Mestrado em Gestão da Economia Criativa pela ESPM - RJ, lucascosta-novo@gmail.com;

DIEGO SANTOS VIEIRA DE JESUS

Professor orientador: Doutor, ESPM - RJ, dvieira@espm.br.

RESUMO

Mesmo com os esforços do governo, a nova BNCC tem promovido pouca transformação dentro da sala de aula. O atual sistema de educação precisa de uma reformulação, não apenas em questão de currículo, mas também de metodologia, com um propósito de formar profissionais mais adequados para um novo contexto. Atualmente, com o impacto das chamadas Novas Economia, especialmente a Economia Criativa, nosso sistema de ensino se vê ultrapassado. Esta pesquisa tem com identificar de que maneira a criatividade e a inovação podem ser inseridas no contexto escolar com o intuito de promover a Economia Criativa e o desenvolvimento sustentável. Para isso foram realizados uma pesquisa bibliográfica e entrevistas com professores, com a intenção de identificar como os professores percebem a importância da criatividade e da inovação no contexto escolar.

Palavras-chave: Economia Criativa; educação; criatividade; inovação; metodologias de ensino;

INTRODUÇÃO

A educação é considerada por muitos a base de uma nação. É lá onde são formadas boa parte dos valores e das habilidades dos cidadãos de cada país. É na escola que muitas crianças tem o primeiro contato com outras de sua idade e começam a desenvolver suas habilidades sociais e emocionais. Entretanto, muitas vezes, as escolas não estão preparadas para ensinar e aproveitar cada uma dessas habilidades. Nosso ensino tem focado, por muito tempo, em desenvolver habilidades lógicas e linguísticas, e deixou de lado as habilidades sociais, emocionais, de comunicação e a criatividade. Tendo isso em vista, a nova Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, buscou corrigir esses impasses com uma nova abordagem para a educação no Brasil, mas não é isso que acontece na prática, pois boa parte dos professores ainda utilizam as mesmas metodologias de ensino que utilizavam antes da nova BNCC.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo *principal compreender como a inserção das temáticas da criatividade e da inovação no currículo escolar contribui para a promoção da Economia Criativa e o desenvolvimento sustentável*, assim como o aprendizado de habilidades sociais e emocionais. A proposta é elencar os benefícios e também possibilidades de conteúdos que auxiliem no desenvolvimento das competências sociais e emocionais dos alunos. A partir disso, tomando a criatividade e a inovação como temas centrais, o pesquisador pretende, como primeiro objetivo específico do estudo, *descobrir como a criatividade e a inovação podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais abordadas dentro da nova BNCC*; Além disso, o segundo objetivo específico dessa pesquisa é *ressaltar a importância de promover os conceitos aqui estudados desde a educação básica, além de verificar se o corpo docente compreende essa relevância e importância de trabalhar os conceitos da criatividade e da inovação com seus alunos*; Por fim, o terceiro objetivo específico da pesquisa é *trazer sugestões de conteúdos e atividades que contribuam para o desenvolvimento dos alunos frente às temáticas da Economia Criativa e do desenvolvimento sustentável*. Todo esse esforço tem como pano de fundo apresentar uma abordagem mais divertida e dinâmica na aprendizagem dos alunos.

É possível evidenciar que as ideias da Economia Criativa tem sido um tema importante nas políticas públicas do Brasil (IPEA, 2020). Assim como podemos afirmar que a participação da Economia Criativa no PIB brasileiro

ainda é pequena comparado a outros países, aproximadamente 2,61% em 2017, equivalente a R\$171,5 bilhões (FIRJAN, 2019), enquanto que países como a Grã-Bretanha esse mercado representa aproximadamente 10% de seu PIB, por volta de £108 bilhões (HOWKINS, 2013), reforçando a urgência do desenvolvimento dessa área em nosso país. Outra tendência “é de que a economia se movimente cada vez mais em direção ao valor agregado do capital intelectual e cada vez menos em direção à produção de commodities” (COLLODETTI, 2020), evidenciando, mais uma vez, a importância de promover esforços nessa direção e preparar nossos alunos para os novos mercados que emergirão.

METODOLOGIA

Toda pesquisa científica surge a partir “do desejo de encontrar resposta para uma questão” (SANTAELLA, 2001, p. 112). Nesta pesquisa, essa questão consiste em compreender como a inserção das temáticas da criatividade e da inovação no currículo escolar contribui para a promoção da Economia Criativa e o desenvolvimento sustentável, assim como o aprendizado de habilidades sociais e emocionais dos alunos. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa descritiva que utiliza uma abordagem qualitativa acerca das informações levantadas.

Dessa maneira, faz necessário, primeiramente, um levantamento bibliográfico acerca dos temas que serão trabalhados nesta pesquisa: criatividade, inovação, Economia Criativa, desenvolvimento sustentável e outros conceitos relacionados a educação, aprendizagem e sistemas de ensino. A aplicação de um levantamento bibliográfico deve vir “necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo *versus* o contexto social e histórico em que está inserido” (GOLDENBERG, 2004, p. 36). Nesse sentido, a singularidade do indivíduo, nesta pesquisa, está pautada no aluno, com suas relações pessoais e o corpo docente, através das metodologias de ensino utilizadas por eles, enquanto que o contexto social refere-se a Economia Criativa e o desenvolvimento sustentável, utilizando uma abordagem sistêmica através do ensino da criatividade e inovação nas escolas.

Após a revisão bibliográfica acerca dos diversos temas presentes nessa pesquisa, foram aplicadas entrevistas semiabertas, com questões semiestruturadas, para o corpo docente de uma escola municipal da cidade de Santa Maria - RS. Os objetivos dessas entrevistas foram: identificar se reconhecem

a importância da criatividade na educação; avaliar seus conhecimentos acerca dos processos criativos; constatar se eles conhecem os conceitos pertinentes a Economia Criativa; verificar se utilizam metodologias criativas em sala de aula; e descobrir se eles têm interesse em conhecer e aplicar essas novas metodologias, caso ainda não utilizem.

Todas as informações coletadas nas entrevistas foram analisadas pelo pesquisador. Neste sentido, procurou-se “analisar comparativamente as diferentes respostas, as ideias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de maneira mais ampla” (GOLDENBERG, 2004, p. 94). Essa análise de conteúdo seguiu as diretrizes de Lourence Bardin (2015), a qual se divide em três grandes etapas: pré-análise, categorização, interpretação e análise de resultados. Na pré-análise será realizada uma leitura flutuante com o intuito de identificar os pontos em comum e as narrativas a serem analisadas. Na categorização dos resultados foram identificados cinco grupos de conteúdo dentro das entrevistas: criatividade, onde os entrevistados buscaram conceituar e expor a respeito de metodologias criativas; inovação, onde também precisaram conceituar e identificar de que maneira a temática pode ser inserida no contexto escolar; economia criativa, e seu entendimento sobre o tema; empreendedorismo, e sua compreensão sobre assunto; e a última categoria que engloba a inteligência emocional, sua importância e o interesse do aluno pelas temáticas da criatividade e inovação. Por fim, o material empírico dos conteúdos categorizados será confrontado com as ideias já levantadas no marco teórico.

E por fim, “as considerações finais, que são uma síntese das ideias principais da pesquisa e sugestões para novos estudos a serem realizados pelo próprio pesquisador ou por outros” (GOLDENBERG, 2004, p. 96). É importante ressaltar que a escrita dessa pesquisa busca ser clara e objetiva, sem muitos termos técnicos, justamente para evitar ambiguidades durante a leitura, já que os resultados dessa pesquisa deverão ser entregues aos professores entrevistados.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa ficou dividido em quatro partes. A primeira sessão desse referencial se chama *Economia Criativa e Desenvolvimento Sustentável*, nela será abordada como a Economia Criativa está relacionada com as transformações sociais do século XXI, além de uma

breve conceituação a respeito do que é desenvolvimento sustentável e como a Economia Criativa contribui para que ela aconteça. Já na segunda sessão do referencial teórico, as temáticas da *Criatividade e Inovação* serão conceituadas. Além disso, será exposto de que maneira esses conceitos podem contribuir para a formação dos alunos. Após isso, dentro da terceira sessão, será apresentada *a nova BNCC como solução para um modelo arcaico*, com apontamentos a respeito de como esse novo modelo pretende solucionar os entraves enfrentados hoje na educação. Por fim, a quarta sessão traz *as possibilidades da criatividade e da inovação nas escolas*, onde será exemplificado de que maneiras a criatividade e a inovação poderão ser inseridas dentro do contexto escolar através de um modelo de projeto extracurricular.

ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A Economia Criativa tem sido um tema essencial no debate a respeito do desenvolvimento sustentável em diversas nações. Isso acontece porque é ela a responsável por transformar e agregar valor aos recursos intangíveis, os quais se multiplicam com o uso, ao contrário dos recursos tangíveis, muito utilizados durante o século passado, que são finitos e acabam quando usados discriminadamente (HOWKINS, 2013). Sendo assim, se quisermos garantir um desenvolvimento mais sustentável, promover os conceitos da Economia Criativa pode ser um bom caminho. Essa transição, segundo Howkins (2013), de uma economia baseada em recursos tangíveis para uma fundamentada, principalmente, em recursos intangíveis possui diversos obstáculos, um deles diz respeito ao fato de que a maioria dos governos dependem muito mais de manufaturas do que de serviços e propriedade intelectual para arrecadação de seus impostos, sendo o Brasil um desses casos.

É interessante notar que a Economia Criativa não está limitada apenas aos setores criativos. Aliás, “talvez o maior impacto da economia criativa não esteja apenas dentro dos segmentos criativos tradicionais, mas na forma como suas habilidades e modelos de negócios estão sendo usados para criar valor em outras áreas” (HOWKINS, 2013, p. 20). Portanto, mesmo que não seja de interesse de alguns alunos atuarem dentro dos setores criativos, as habilidades desenvolvidas, assim como os possíveis modelos de negócios extraídos da Economia Criativa, devem ampliar sua bagagem cultural e trazer outros benefícios em suas vidas, seja ela pessoal ou profissional. Aliás, promover a Economia Criativa, além de ter um impacto otimista em

relação ao PIB, contribui para o desenvolvimento sustentável, já que ela é uma estratégia indispensável na promoção da sustentabilidade (REIS, 2008).

Essa visão de desenvolvimento sustentável começou a surgir a partir dos anos 1970, quando surgiu a necessidade de repensar os modelos de desenvolvimento já estabelecidos. Esse novo paradigma de desenvolvimento ficou mais claro com o surgimento do termo *desenvolvimento sustentável*, quando novos parâmetros sociais passaram a ser considerados dentro métricas de desenvolvimento, deixando de lado a exclusividade do crescimento econômico, medido especialmente através do PIB, como parâmetro para medir o sucesso de uma nação (SILVA, 2012).

Sendo assim, primeiramente, é preciso compreender o que é desenvolvimento e quais são os atributos que fazem com que, atualmente, o termo desenvolvimento sustentável seja o conceito mais utilizado quando falamos de progresso. Ainda que o PIB seja o principal parâmetro para medir o nível de desenvolvimento de um país, alguns autores discordam e trazem outras abordagens a respeito do desenvolvimento, como Amartya Sen (2010), a qual propõe o “desenvolvimento como liberdade”. Ela explica que em uma sociedade privada de seus direitos políticos, educacionais e de saúde, por mais que tenha seu PIB elevado, não será mais desenvolvida que um país onde os cidadãos são livres em suas escolhas, possuem uma saúde pública de qualidade e tem o direito a uma educação edificadora, por mais pequeno que esse país possa ser (SEN, 2010). Ela ainda afirma que “como as liberdades políticas e civis são elementos constitutivos da liberdade humana, sua negação é, em si, uma deficiência” (SEN, 2010, p. 31). Nesse sentido, é possível afirmar que em países onde seus cidadãos são privados de liberdade, como o caso da Coreia do Norte, dificilmente haverá um desenvolvimento real, mesmo com o avanço do PIB.

Além disso, Amartya Sen (2010) diz que existem duas grandes razões para promover as liberdades individuais no conceito de desenvolvimento. A primeira delas diz respeito a própria essencialidade das liberdades individuais, as quais permitem uma pessoa gerar resultados valiosos, não só em suas vidas, mas em seus empreendimentos, o que é crucial para a avaliação do desenvolvimento de uma sociedade. A segunda razão é que a premissa da liberdade permite, não apenas que as pessoas experienciem o êxito e o fracasso, mas justamente por ser determinante nas iniciativas individuais e da eficácia social (SEN, 2010). Esse desenvolvimento está relacionado com a liberdade que as pessoas tem para gerar novas ideias e desenvolver sua cultura, já que “uma cultura persiste no tempo apenas na medida em que está

inventando, criando e evoluindo dinamicamente de uma forma que promova a produção de ideias em todas as classes e grupos sociais” (ARAYA, 2010 p. 18), o que permite não apenas o desenvolvimento econômico, mas também cultural dessa sociedade.

Solucionar esses problemas não é uma tarefa simples. Uma das soluções propostas pede uma revisão do sistema educação, readequando o perfil dos profissionais a esse novo contexto, em evidência às mudanças sociais que estão acompanhando essa transição de modelos econômicos (REIS, 2008). Por isso, promover a Economia Criativa já na educação básica é fundamental, tendo em vista que também “promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano” (DUISENBERG, 2008, p. 58). No entanto, é preciso não apenas disseminar os conceitos da Economia Criativa entre as pessoas, mas conscientizar professores, diretores e formadores de políticas públicas a respeito da importância de trabalhar esses conceitos a partir da educação básica.

CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

Uma das maneiras de trabalhar a Economia Criativa na educação pode se dá através do ensino da criatividade e da inovação, temas que pouco perpassam entre os alunos e professores da educação básica. Atualmente, tomar a criatividade apenas como uma característica dos profissionais das artes, como cinema, teatro e a ilustração, assim como aceitar a inovação somente como aprimorações tecnológicas é um erro quase inadmissível entre os estudiosos do tema, já que é muito mais que isso. A criatividade não está restrita à arte, assim como a inovação não pode ser reduzida ao aprimoramento tecnológico, ambos os conceitos podem ser características intrínsecas a qualquer iniciativa, dentro de qualquer campo de atuação, “isso quer dizer que, onde encontrarmos uma inovação valiosa [...] poderemos falar de criatividade e de pessoas criadoras” (TORRE, 2005, p. 28-29). Por esse motivo que desenvolver seus conceitos e suas características, nesta pesquisa, é fundamental para entendimento de suas aplicações, além da compreensão de sua importância no aprendizado de alunos da educação básica.

Existem inúmeras definições a respeito do que é criatividade. Entretanto, não nos prenderemos em trazer diversos conceitos e contrapô-los. Tomaremos como conceito a ideia de Saturnino de la Torre, o qual diz que “a criatividade é o potencial humano de gerar ideias novas dentro de

uma escala de valores e comunica-las” (TORRE, 2005, p. 55). Esse conceito é interessante justamente por que, ao mesmo tempo que define o que é criatividade, também traz uma finalidade para a mesma: comunica-la. Mas porque comunicar a criatividade ajuda a definir o que é, ou não, a criatividade? Torre explica que “a criatividade que não se manifesta, que não se expressa de uma ou outra forma, é como uma palavra sem significado, como um caminho sem destino, como um relógio parado” (TORRE, 2005, p. 11). Essa metáfora, além de inspiradora, nos ajuda a compreender melhor os objetivos de promover os conceitos e os atributos da criatividade.

A criatividade, como uma habilidade dominada pelo ser humano, deve ser instigada como característica em todas as pessoas, não apenas pela geração de produtos de valor, mas por que “quando somos criativos, normalmente sentimos que realizamos alguma coisa, fizemos ou produzimos algo com identidade e caráter próprio” (HOWKINS, 2013, p. 31). Além disso, ela traz consigo um senso de propósito, pois quando somos imbuídos de criatividade temos mais liberdade para tomar decisões frente as oportunidades que surgem. É por esse motivo que “é necessário ver a criatividade não como uma disciplina acadêmica, nem como um conjunto de técnicas, ou como uma expressão das teorias psicológicas, mas sim como algo vivo que está em cada ser humano” (TORRE, 2005, p. 120).

Outro ponto importante da criatividade diz respeito não ao individual, mas ao coletivo humano. Torre (2005) afirma que “um povo sem criatividade é como um grupo humano preso pela imobilidade, preso à escravidão e submetido a sociedades com maior potencial criativo” (p. 17). Ele ainda sugere que “uma educação orientada para melhoria social deve levar em consideração a formação de pessoas com iniciativas, capazes de desenvolver ideias valiosas ao seu redor e na profissão” (TORRE, 2005, p. 27). É por esse motivo que promover a criatividade é fundamental para contribuir com o desenvolvimento de nossa sociedade, principalmente quando as grandes invenções e realizações de valor, assim como a história do desenvolvimento foram estimuladas por pessoas criativas (TORRE, 2005).

Esse conceito de desenvolvimento de ideias valiosas que beneficiem o coletivo está intimamente relacionado ao conceito de inovação atribuído não apenas por Torre (2005), mas também por Howkins (2013). Eles explicam que a criatividade é uma característica individual, e quando trabalhada com o propósito de desenvolver ideias, projetos, produtos de valor e novos modelos de negócios, essa característica passa a ser o principal vetor da inovação (TORRE, 2005) (HOWKINS, 2013).

O viés mercadológico de inovação é amplamente aceito entre os pesquisadores do tema. Figueiredo e La False (2020, p. 19) explicam que “a inovação é o fator central de crescimento econômico e fonte primeira de vantagem competitiva para as empresas”. Além disso, com a iminência da 4ª Revolução Industrial, tratar de inovação é fundamental para compreendermos os mecanismos que estão atuando nessa transição de modelo econômico, não apenas de acordo com as inovações tecnológicas que surgirão durante os próximos anos, mas, principalmente, em função de que esse “processo de transformação só acontece por intermediário das pessoas, sendo a educação um dos seus vetores mais relevantes.” (MAGALDI e NETO, 2018, p. 16).

Schwab (2016) explica que para enfrentar os desafios advindos da 4ª Revolução Industrial, será preciso um esforço coletivo, não apenas tecnológico, mas também social e público, principalmente através de uma educação que explore os conceitos de criatividade, inovação e liderança, com o propósito de despertar as novas gerações para a solução de problemas frente a essa iminente transformação social.

Portanto, sabemos que falar de criatividade e inovação é mais do que tratar de artes e de tecnologia, é promover o desenvolvimento de uma nação através do pensamento crítico, solução de problemas e desenvolvimento de negócios e produtos de grande valor. Esses dois conceitos são fundamentais para consolidarmos as bases do nosso desenvolvimento, tornando-se temas indispensáveis dentro do currículo escolar.

A NOVA BNCC COMO SOLUÇÃO PARA UM MODELO ARCAICO

É inegável que a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade, da ética e da moral. No entanto, para criar bases sólidas em nossos estudantes é preciso promover uma educação sistêmica, que não classifique e reduza os conhecimentos em matérias distintas. É preciso promover uma educação que abra possibilidades e, além de incentivar o aluno a tomar suas próprias decisões, contribua para seu desenvolvimento criativo e, principalmente, humano. Nesse sentido, é preciso promover novos modelos de aprendizagem, tendo em vista que “a educação é fundamental para essa infraestrutura criativa” (ARAYA, 2010, p. 18).

Um dos pontos para se desenvolver uma educação orientada para o desenvolvimento humano e social “deve levar em consideração a formação

de pessoas com iniciativa, capazes de desenvolver ideias valiosas ao seu redor e na profissão” (TORRE, 2005, p. 27). A partir disso, o Governo Brasileiro desenvolveu em 2017 a chamada nova BNCC, a qual

propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida (PONTES e BARBOSA, 2019, p. 6).

É evidente que a nova BNCC foi desenvolvida com o intuito de suprir as necessidades educacionais do século XXI e que leva em consideração questões sistêmicas como abordagem de ensino, já que assume ser preciso “reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável” (BRASIL, 2018, p. 14). Sendo assim, todos os esforços para transformar nossa educação devem partir dessa abordagem e ter como objetivo “fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (BRASIL, 2018, p. 16).

Essas novas abordagens não são incentivadas apenas dentro da nova BNCC, mas estão também respaldadas por outros mecanismos. Cavallo et al (2016) explica que a Lei de Diretrizes e Bases fundada em 1996, assim como as normas obrigatórias das Diretrizes Curriculares Nacionais, além do Plano Nacional de Educação, já enfatizam a importância da adoção de uma abordagem mais sistêmica e dinâmica dentro dos modelos de ensino, mas que, entretanto, nem sempre isso é visto na prática, ainda que esses três mecanismos sejam obrigatórios e estejam apoiados pela Lei. Um dos motivos para se manter essas velhas metodologias, segundo Cavallo et al (2016), diz respeito ao fato de que muitos professores, mesmo que tenham vontade de inovar em suas aulas, desconhecem as metodologias ativas e não sabem como aplicá-las em suas salas de aula.

Esse modelo de ensino mecânico, com aulas exploratórias, alunos sentados em fileiras, todos aprendendo os mesmos conteúdos, os quais eram segmentados em respectivos módulos de 50 minutos, com avaliações iguais para todos pode ter sido eficiente durante os dois últimos séculos, visto que as necessidades da indústria, nessa época, cobravam essas mesmas características de seus funcionários (JAHNKE, 2014). Entretanto, quando essas pessoas passam a ser “cobradas no mercado de trabalho pela criatividade,

inovação, espírito crítico, curiosidade, e estas mesmas atitudes são ceifadas na época da escolaridade” (JAHNKE, 2014, p. 14), deixa claro que esse sistema de ensino já está ultrapassado, pois esses “sistemas de educação projetados para sociedades industriais não aproveitam eficazmente a liquidez da inovação criativa porque são muito centralizados” (ARAYA, 2010, p. 18).

Compreendemos também que mudar as metodologias de ensino que os professores já estão acostumados a utilizar e as quais já estão com seus cronogramas de aula definidos e ensaiados para o ano letivo é algo muito complexo e demandaria, além disso, um grande esforço de políticas públicas. Por esse motivo que essa pesquisa não busca enfatizar as novas metodologias de ensino em si, visto que já existem diversas pesquisas e livros que tratam a respeito de metodologias ativas. Nossa proposta é buscar uma abordagem de ensino através de um projeto escolar de criatividade e inovação, onde esses dois temas serão abordados diretamente com os alunos durante o ano letivo utilizando, aí sim, essas novas metodologias como ferramenta de ensino.

AS POSSIBILIDADES DA CRIATIVIDADE E DA INOVAÇÃO NAS ESCOLAS

É inegável que a criatividade e a inovação serão pontos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade do século XXI, entretanto, para que haja uma mudança fundamental em relação ao comportamento social é preciso levar a criatividade e a inovação para dentro da escola e ensinar, não só às novas gerações a respeito de suas importâncias, mas também trabalhar com os professores e diretores de que maneira é possível inserir esses temas dentro do projeto escolar.

Uma das maneiras de introduzir esses temas dentro da escola pode ser através da implementação de projetos com uma abordagem mais didática, criativa e inovadora. O intuito é fazer com que professores e alunos compreendam como a criatividade e a inovação podem impactar positivamente o desempenho dos alunos, para a partir daí pensar em mudanças sólidas dentro do currículo escolar, visto que “somente quando o professor toma consciência do valor da criatividade com respeito à formação podemos pensar em sua mudança em nível curricular” (TORRE, 2005, p. 40).

É claro que “a criatividade deve estar presente em todos os componentes curriculares, desde os objetivos até avaliação, passando pela metodologia” (TORRE, 2005, p. 44), no entanto, isso demanda não apenas esforços por

parte do corpo docente das escolas, mas também uma articulação política com suas respectivas secretarias de educação para concretizar mudanças tão profundas no sistema. Sendo assim, nesse primeiro momento, trabalhar a criatividade e inovação através de projetos mostra-se como a solução mais viável. Ademais, “o projeto coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, desenvolve nele a autonomia que lhe permite administrar a forma, o conteúdo e o ritmo das diversas atividades que a escola lhe oferece” (JAHNKE, 2014, p. 6). E além disso, os projetos têm a capacidade de trazer os conhecimentos adquiridos em aula para a realidade dos alunos, uma oportunidade de trabalhar os conteúdos de maneira interdisciplinar, diferente dos modelos atuais (PONTES e BARBOSA, 2019).

Nossa sugestão é trabalhar de maneira progressiva os conceitos de criatividade e inovação, separando-os em dois grandes momentos, utilizando como base os processos de inovação nas Indústrias Criativas descritos por Granados, Bernardo e Pareja (2017), os quais também se dividem em duas fases: a) exploração-investigação, também chamado de fase ambígua. Identificada como fase linear, a primeira etapa está relacionada, nesta pesquisa, à temática da criatividade, onde os alunos deverão buscar informações acerca dos problemas propostos e fazer uma profunda investigação sobre possíveis soluções para os problemas propostos; b) Na segunda fase, relacionada à inovação, os alunos deverão projetar um serviço ou produto que solucione esses problemas. Além disso, os alunos precisarão desenvolver um pequeno plano de comunicação para seu produto ou serviço. Neste sentido, na primeira fase os alunos deverão “gerenciar um processo mais criativo (fase ambígua)”, enquanto que na segunda fase eles precisarão “gerenciar um processo mais analítico (fase linear)” (GRANADOS; BERNARDO; PAREJA, 2017, p. 219)

Outra sugestão é de que o projeto permita aos alunos que façam suas próprias escolhas acerca de como irão realizar as atividades propostas. Possibilitar que os alunos tomem decisões ajudará a construir um senso de autorresponsabilidade, pois ao mesmo tempo que poderão tomar decisões, também ficarão à mercê do erro, o que contribuirá para o desenvolvimento de sua inteligência emocional (JAHNKE, 2014), a qual é incentivada pela nova BNCC. Assim, fica evidente que a criatividade não contribui apenas para o desenvolvimento da capacidade criativa em si, já que “a dimensão emocional acompanha a criatividade” (TORRE, 2005, p. 62).

Além das questões emocionais trabalhadas através da criatividade, é importante levar em conta que “estudantes que eram problemáticos e

desmotivados com a escola, através dos projetos, passaram a terem melhor desempenho acadêmico e uma mudança de comportamento” (CAVALLO et al, 2016, p. 154). Sendo assim, essa mudança de comportamento pode ser acentuada com o aprendizado emocional através do desenvolvimento da criatividade dentro do projeto.

A ideia central por trás do projeto é propor a criação de soluções para os problemas de nossa sociedade, como a violência, a poluição, ou até mesmo os problemas de dentro da escola, pois “o indivíduo que aprende a perceber seu entorno, dar-lhe sentido, interpretá-lo de uma perspectiva pessoal, está colocando a plataforma de uma expressão original e criadora” (TORRE, 2005, p. 86). Sendo assim, a proposta é que o aprendizado acerca dos processos criativos, da inteligência emocional, e dos temas relacionados a Economia Criativa deva contribuir para o desenvolvimento dessas soluções durante o projeto.

Por fim, dentro da inovação é possível trabalhar os conceitos de empreendedorismo, inteligência financeira, planejamento estratégico para solução de problemas, além dos próprios temas entorno da 4ª Revolução Industrial, como o surgimento de novas profissões, o desenvolvimento tecnológico e a geração de ideias de valor. Essas temáticas devem estar alinhadas com o desenvolvimento das soluções que os alunos irão propor para os problemas a serem solucionados.

Por fim, o projeto pode ser finalizado com a apresentação das soluções propostas pelos alunos. A ideia nessa etapa final não é o desenvolvimento de um protótipo ou da criação de um produto funcional, mas sim que os alunos consigam sintetizar suas ideias e apresentá-las, mesmo que seja um produto imaginário, em vista que “a comunicação requer um mínimo de estruturação e sistematização de ideias” (TORRE, 2005, p. 174). Além disso, essa é apenas uma das inúmeras possibilidades de como trabalhar os conceitos da criatividade e a inovação dentro da escola de maneira prática e interdisciplinar. Por fim, a proposta é contribuir para ascender uma chama de esperança em nossos alunos a respeito dos problemas que estamos enfrentando e que ainda iremos enfrentar durante as próximas décadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo foram realizadas quatro entrevistas com o corpo docente de uma escola de ensino fundamental da cidade de Santa Maria – RS. A partir de uma pré-análise, os dados coletados foram divididos nas cinco categorias

abaixo. Os resultados estão apresentados junto com a análise realizada a respeito de cada tópico, onde cada categoria de respostas foi confrontada com os dados teórico já apontados dentro do marco teórico dessa pesquisa.

Na primeira categoria, a respeito da criatividade e metodologias criativas, pode-se perceber que os entrevistados têm um conhecimento do que é criatividade, mas que não reconhecem os processos criativos de maneira técnica, mesmo assim, compreendem sua importância para a resolução de problemas na vida e na escola. O entrevistado 01 exemplifica isso quando diz que criatividade é estar “frente a um problema e ter várias perspectivas, buscar resolver aquele problema”.

A própria BNCC corrobora com a ideia de “fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (BRASIL, 2018, p. 16). Entretanto, identificou-se através das entrevistas que é preciso deixar mais claro para os professores como utilizar os processos criativos em sala de aula, e que o problema da criatividade no ensino está mais relacionado a falta conhecimento técnico, de alternativas e metodologias criativas, já que os professores compreendem a importância da criatividade no contexto escolar. Isso fica evidente quando o entrevistado 04 expõe que “a criatividade torna o aluno mais reflexivo, ativo, atuante e muito questionador e [que] isso só aumenta seu interesse pelos estudos”. Essa compreensão da importância da criatividade no contexto escolar é, segundo Torre (2005), o primeiro passo para realizar uma mudança curricular para sua inclusão.

Embora demonstrem interesse, os professores ainda trabalham, na maior parte, com aulas expositivas. Apenas um entrevistado disse utilizar mais metodologias ativas ou criativas em suas atividades, no entanto esse entrevistado trabalha apenas na parte de projetos da escola, os quais normalmente são mais práticos. O entrevistado 02 explica que os projetos são uma forma de metodologia criativa, que eles são responsáveis por levar o conhecimento para o lado prático. O entrevistado 01 também ressalta que, antes da pandemia, não costumava utilizar metodologia criativas em sua sala de aula, mas que “trabalhava com os projetos, trabalhava a parte, num outro horário alternativo”. Os entrevistados 01 e 02 ainda ressaltaram que o contexto da pandemia, através das aulas virtuais, forçou mudanças em suas metodologias de ensino.

Já a temática da inovação, segunda categoria de análise, mostrou grande interesse pelos entrevistados. E ainda que eles compreendam, em boa parte,

a inovação como tecnologia, ainda sim conseguem relacionar a inovação com a criatividade, tal como o entrevistado 03, o qual utilizou tecnologias na maior parte de suas respostas a respeito de inovação, mas conseguiu atribuir a criatividade como uma habilidade essencial para gerar inovação quando disse que inovação “é utilizar a criatividade pra tornar algo mais adequado, mais interessante pros desafios atuais”. Neste sentido, é preciso fazer com que o corpo docente tenha mais acesso a informações a respeito dos tipos de inovação, como inovação social, inovação em processo, inovação em modelo de negócios e até mesmo inovação nas metodologias em sala de aula, assim como Howkins (2013) já havia apontado.

A proposta nessa pesquisa é utilizar a criatividade e a inovação como uma abordagem para promover a Economia Criativa e o desenvolvimento sustentável. Entretanto, pode-se notar, nesta categoria, que os professores ainda têm um conhecimento vago a respeito de como a Economia Criativa funciona, quais são seus setores e o impacto dela em nossa sociedade. Os entrevistados disseram ter ouvido sobre outras economias, como a circular e a solidária, mas pouco a respeito da Economia Criativa. Por exemplo, o entrevistado 02 expôs que Economia Criativa é “usar a tua criatividade de forma a ser sustentável para o maior número possível de pessoas”, enquanto o entrevistado 03 disse que no contexto em que ouviu, “tinha algo a ver com metodologia de ensino, mas quando eu penso em economia criativa, fora desse contexto eu acho algo como cooperativismo”, enquanto o entrevistado 04, de forma breve, disse que “seria gerar valor econômico das ações criativas, culturais e intelectuais”. Neste sentido, é possível notar que os professores precisam ser melhor contextualizado a respeito da importância da Economia Criativa, seus setores e o impacto de que seus novos modelos de negócios estão trazendo.

Já a respeito do empreendedorismo, próxima categoria, se mostrou mais próximo da realidade dos professores entrevistados. Inclusive, o entrevistado 02 ressalta a importância do empreendedorismo frente aos desafios que irão surgir nos próximos anos quando diz que “tem várias profissões que vão acabar, mas tem novas que vão chegar, e tu tem que ter criatividade pra poder ser empreendedor e incentivador e inovador”. O termo *startup*, mesmo de forma superficial, é conhecido por todos eles. Isso evidencia que os professores estão atentos em relação aos novos modelos de negócios, mas que precisam adquirir um conhecimento mais sistematizado e metodológico a respeito desse assunto.

Já na última categoria, a respeito da inteligência emocional e do interesse dos alunos acerca das temáticas da criatividade e inovação, os entrevistados mostraram compreender a importância da inteligência emocional e como ela contribui para a formação dos alunos. O entrevistado 01 expõe que inteligência emocional é “tu conseguir compreender aquele grupo, conseguir expor as tuas ideias, conseguir ser ouvido, não acatado, mas ouvido, as pessoas poderem acolher tua ideia”, enquanto que o entrevistado 02 descreve como a “capacidade identificar o teu sentimento, a tua capacidade, aonde tu pode ir e motivar o outro a seguir contigo”. Além disso, todos os entrevistados, exceto o entrevistado 04, o qual preferiu não responder essa questão, afirmaram que os alunos tem interesse de participar de projetos extracurriculares, principalmente aqueles que envolvem tecnologia e atividades práticas.

Por fim, foi possível identificar, através das entrevistas, que é preciso trabalhar mais as temáticas da criatividade e inovação, principalmente com o intuito de estimular o conhecimento acerca da Economia Criativa. A urgência que o atual contexto mundial exige a respeito do desenvolvimento sustentável pede que as novas gerações tenham uma melhor compreensão de como as novas economias irão impactar a sociedade no futuro, principalmente nas questões relacionadas ao trabalho. É neste sentido que esta pesquisa propõe a criatividade e a inovação como temáticas com potencial para contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade, nossos alunos e, conseqüentemente, dos novos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos dois séculos, o ensino tem se orientado através das habilidades cognitivas, racionais e científicas, entretanto, as atuais habilidades curriculares e cognitivas não serão suficientes para lidar com os desafios das próximas décadas. A falta do desenvolvimento de habilidades como a criatividade tem dificultado o desenvolvimento de profissionais que apontem soluções para problemas. Uma das razões pelas quais a criatividade não tem sido inserida no contexto escolar pode estar relacionado ao entendimento da criatividade apenas como práticas culturais, distante do mundo tecnológico e da inovação, e mesmo que resolvessem o problema do desempenho criativo na educação, ainda estariam atendendo apenas a uma demanda de formação voltada para o final do século XX e início do século XXI, a Era Digital nas sociedades, enquanto que as demandas voltadas para a Era da

Informação, na qual surge a Economia Criativa, estão sendo deixadas de lado (CAVALLO et al., 2016).

Neste sentido, o ensino da criatividade e da inovação tem um papel fundamental dentro da educação, tendo em vista que as habilidades criativas contribuem não apenas para os setores culturais, como já mencionado, mas auxiliam praticamente em todos os setores. Trazer essas temáticas para dentro do ensino, não apenas como uma matéria curricular, mas também na metodologia e nos procedimentos avaliativos deve contribuir para a formação de mentes mais capazes de solucionar problemas.

Além disso, o atual contexto exige uma mudança de olhar em nossas estruturas sociais. Araya (2010) enfatiza que durante a era industrial a fábrica foi a instituições central, mas que as escolas e as universidades podem ser as organizações que deverão estar em foco na era da informação. E neste sentido que esta pesquisa busca aproximar a temática, não apenas da criatividade, mas também da inovação já na educação básica, com o intuito de transformar as próximas gerações e superar os desafios que enfrentaremos daqui pra frente.

Entretanto, é fácil identificar que grandes mudanças no sistema educacional levam tempo e exigem grande esforço político. É por esse motivo que este estudo propõe a inserção das temáticas da criatividade e da inovação nas escolas através de projetos, tendo em vista que os mesmos podem ser empregados de maneira autônoma por cada escola. Contudo, o maior desafio a ser enfrentado nesse processo está relacionado ao próprio desconhecimento do corpo docente a respeito da importância e do impacto que a Economia Criativa tem causado em nossa sociedade.

Mesmo que exista uma resistência à mudanças nas metodologias de ensino em sala de aula, a inserção de projetos que trabalhem a criatividade e a inovação podem fazer com que os professores percebam o grande interesse dos alunos, não apenas por essas temáticas, mas pela abordagem de ensino utilizada nesses projetos, fazendo com que os mesmos possam levar até suas salas de aulas essas novas maneiras de abordar diferentes conteúdos, já que segundo Cavallo et al. (2016), a maior resistência não está na falta de interesse, mas no próprio desconhecimento dessas alternativas para o ensino.

Além disso, os projetos possibilitam uma maior autonomia dos alunos, diálogo e debate de ideias, além de incitar a criatividade, o que contribui para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais já exigidas pela nova BNCC. Pontes e Barbosa (2019) já falaram que a inserção de projetos

ajuda a estimular crianças e jovens a aprofundar, pesquisar e desenvolver de maneira complexa seus conhecimentos.

Sendo assim, com a iminência da 4ª Revolução Industrial e a chegada da Era da Informação, torna-se mais que urgente a reformulação do ensino. Em um país como o Brasil, onde grande parte do PIB ainda é garantido através de commodities, a promoção da Economia Criativa é fundamental para garantir um desenvolvimento sustentável a longo prazo. E é neste sentido que o estímulo da criatividade e da inovação devem ganhar força dentro do sistema de ensino, tendo em vista que “a carência de estímulos criativos na vida escolar dificilmente será recuperada na vida profissional” (TORRE, 2005, p. 145), além de que “a tentativa de estimular a criatividade e inovação no ensino básico ajuda a focar os objetivos da educação sob uma visão mais holística do desenvolvimento da criança” CAVALLO et al., 2016, p. 149).

Em um país de tamanha diversidade cultural como o Brasil, o estímulo ao desenvolvimento da Economia Criativa pode transformar, não apenas a economia, mas também a maneira como a população enxerga a cultura nacional. Desta forma, a aproximação da Economia Criativa com a educação básica busca trazer novas possibilidades para o desenvolvimento do país a longo prazo, transformando a visão das novas gerações a respeito dos potenciais que ainda estão adormecidos.

REFERÊNCIAS

ARAYA, Daniel. Educational Policy in the Creative Economy. In: Education in the Creative Economy: Knowledge and Learning in the Age of Innovation. Berna: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften. p. 3-28, 2010;

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2015;

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018;

CAVALLO, David. et al. Inovação e Criatividade na Educação Básica: Dos conceitos ao ecossistema. Revista Brasileira de Informática na Educação, v.24, n.2, 143-161, 2016;

COLLODETTI, Gabriella. Descubra como a Economia Criativa deve otimizar o crescimento do mercado brasileiro. Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/comunidade-ei/2020/01/29/>

noticias-comunidadeei,823911/como-a-economia-criativa-deve-otimizar-o-crescimento-do-mercado.shtml>. Acesso em: 10 de março de 2021;

DUISENBERG, Edna dos Santos. Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, Ana Carla Fonseca. Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008;

FIGUEIREDO, Leandro; LA FALSE, Jefferson. Open Innovation: Colaborar para inovar. Curitiba: Appris, 2020;

FIRJAN. Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/pages/release.aspx>>. Acesso em: 10 de março de 2021;

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004;

GRANADOS, Cristian; BERNARDO, Merce; PAREJA, Montserrat. How do creative industries innovate? A model proposal, Creative Industries Journal, 10:3, 211-225, 2017;

HOWKINS, Jhon. Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M. Books, 2013;

IPEA. Políticas Públicas, Economia Criativa e da Cultura. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36626>. Acesso em 10 de março de 2021;

JAHNKE, Cláudia Medeiros. Transformação pela experiência: Estudo de caso da Escola Municipal André Urani no Rio de Janeiro, Projeto GENTE. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica). Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta, Lisboa, 2014;

MAGALDI, Sandro; NETO, José Salibi. Gestão do amanhã: tudo o que você precisa saber sobre gestão inovação e liderança para vencer a 4ª revolução industrial. São Paulo: Editora Gente, 2018;

PONTES, Ronnie Kerle Pessoa; BARBOSA, Sidney. BNCC, desafios da gestão escolar na implementação e consolidação da nova base. Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências, CONAPESC. 2019;

REIS, Ana Carla Fonseca. Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008;

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). História dos jovens 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16;

SANTAELLA, Lucia. Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001;

SCHWAB, Klaus. A quarta Revolução Industrial. São Paulo: Edipro, 2016;

SEM, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010;

SILVA, Francisco Ranieri Moreira da. As relações entre cultura e desenvolvimento e a economia criativa: reflexões sobre a realidade brasileira. Revista NAU Social - V.3, N.4, 2012. p. 111-121;

TORRE, Saturnino de la. Dialogando com a criatividade. São Paulo: Madras, 2005;